

Edição Especial - Mulheres
XXIV Nº 6795

Mala Direta
Básica

9912293447/17-DR/BSB
CÂMARA DOS
DEPUTADOS

Correios

ptna câmara

BRASÍLIA, MARÇO DE 2020



INFORMATIVO
DA BANCADA
FEDERAL DO
PARTIDO DOS
TRABALHADORES

8
de março

“
TODA VEZ QUE EU DOU UM PASSO,
O MUNDO SAI DO LUGAR”

Siba (cantor e compositor - PE)

Arte: Claudia Barreiros





As Mulheres e a necessária luta por igualdade

O 8 de março, Dia Internacional da Mulher, é uma conquista das mulheres socialistas para a organização e a luta das mulheres. Proposto por Clara Zetkin, em 1910, no encontro da II Conferência Internacional de Mulheres Socialistas, tinha por objetivo dar visibilidade para a condição indigna imposta às mulheres no início do século XX, em especial no âmbito do trabalho, marcado pela insalubridade, abusos, violência e baixa remuneração, conforme retratado no filme *Sufragistas*.

De lá para cá, apesar dos avanços podemos ainda constatar que a tão sonhada igualdade entre mulheres e homens está longe de ser alcançada na sociedade.

As mulheres são a maioria da população mundial e no Brasil representam 52%, destas 25% são negras. Permanecem sendo a ínfima minoria nos espaços de poder político – legislativos e executivos. Na Câmara Federal são somente 14%.

No mercado de trabalho, continuam recebendo salários menores por ocupações iguais às dos homens, são a maioria na condição de informalidade, nos serviços domésticos e de cuidados, nos serviços insalubres, nas profissões de menor prestígio social e minoria nos cargos e atribuições de chefia. No caso das mulheres negras a situação é ainda mais grave. A violência contra mulher ou de gênero cresceu,

Foto: Gabriel Paiva



o feminicídio (crime de ódio contra as mulheres) aumentou 7,2%, em relação a 2018, a maioria das vítimas são negras. Os crimes são invisibilizados e naturalizados na maioria das vezes. Nós, do Partido das Trabalhadoras e dos Trabalhadores, temos um legado importante em relação a promoção dos direitos das mulheres no

nosso País. Foi Lula que criou, em 2003, a primeira Secretaria de Políticas para a Mulher, dando status de Ministério e promulgou a Lei Maria da Penha em 2006. Sob o governo de Dilma foram publicadas as Leis das Domésticas e a do Feminicídio ambas de 2015. Além disso, os governos do PT desenvolveram inúmeras políticas que priorizaram atender a

" No Brasil de Bolsonaro, as mulheres nos inspiram nas lutas, são a expressão mais firme na resistência "

diversidade das mulheres, em especial as mulheres chefes de família, como nos Programas Bolsa Família e Minha Casa Minha Vida.

No Brasil de Bolsonaro, as mulheres nos inspiram nas lutas, são a expressão mais firme e criativa na resistência à retirada de direitos e ao conjunto de retrocessos impostos pelo presidente e por sua base de apoio.

Neste março de lutas, seguimos ao lado delas na construção de uma sociedade mais igualitária e justa para mulheres e homens.

Deputado Enio Verri (PR) é líder da Bancada do PT

ptnacâmara

INFORMATIVO DA BANCADA FEDERAL

DO PARTIDO DOS TRABALHADORES



Líder da Bancada: Deputado Enio Verri (PR).

Vice-Líderes: Deputados Airton Faleiro (PA); Alexandre Padilha (SP); Erika Kokay (DF); Helder Salomão (ES); Marcon (RS); Maria do Rosário (RS); Marília Arraes (PE); Nilto Tatto (SP); Pedro Uczai (SC); Reginaldo Lopes (MG); Rogério Correia (MG); Rui Falcão (SP) e Zé Neto (BA).

Jornalistas responsáveis: Carlos Leite e Vânia Rodrigues

Fotos: www.flickr.com/photos/ptnacamura **E-mail:** pautaptnacamura@gmail.com

8M: Lutar é preciso

Nenhuma conquista chega de bandeja para os trabalhadores, muito menos para as mulheres. Somente depois de muita luta do movimento sufragista feminino (incluindo as mulheres negras e trabalhadoras) é que o direito do voto para as mulheres foi conquistado, e isso somente no século XX, à exceção da Nova Zelândia, em 1893.

Nos países símbolos da chamada democracia ocidental o voto feminino foi adotado em 1918, na Inglaterra, em 1919, nos Estados Unidos e em 1945, na França! No Brasil, o pleno exercício do voto feminino foi conquistado em 1934.

Focamos no direito do voto porque é o que abre caminho para os espaços de poder mantidos fechados a sete chaves pelo monopólio branco e machista. Sim, pois não é apenas as mulheres brancas que são excluídas do poder, mas sobretudo as mulheres negras, aquelas que, segundo Angela Davis, “quando se movimentam, toda a estrutura da sociedade se movimenta com elas” porque elas estão na base da pirâmide social.

A luta das mulheres pela ocupação dos espaços de poder é estrutural pois mexe diretamente com a lógica histórica do poder patriarcal que submete as



Foto: Gabriel Paiva

mulheres na família, no trabalho e na representação política. É esse preconceito machista que alimenta os “Bolsonaros” mais ou menos ocultos na nossa sociedade e que permitiu que um deles chegasse à Presidência da República de onde tenta empurrar as mulheres novamente para o tronco e o fogão.

E é por isso também que temos o 8 de março: para mostrar que as mulheres nunca se deixarão subjugar pelo machismo discriminador e explorador, e que o presidente Jair Bolsonaro, a maior expressão desse retrocesso, não vai triunfar sobre a democracia, porque lugar de mulher é onde ela quiser!

Deputada **Benedita da Silva (PT-RJ)**

Por mais mulheres feministas na política

○ Brasil que estamos vivenciando traz uma realidade completamente distópica para nós mulheres. Simone de Beauvoir diz que basta uma crise política, econômica e religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados e ameaçados.

Com a ruptura democrática de 2016, materializada num golpe contra a primeira mulher presidente da República, temos visto um retrocesso brutal contra todas as nossas conquistas históricas.

O que temos sentido na pele e na alma é a ascensão de um discurso machista, sexista e misógino. Aliás, foi essa narrativa que venceu as eleições em 2018. Foi essa narrativa que colocou a faixa presidencial no peito do fascismo e está assentada no Palácio do Planalto.

O mesmo Brasil que colocou no posto mais alto da República alguém que proferia e ain-

da profere discursos de ódio contra nós mulheres, é o 5º país que mais mata mulheres no mundo, segundo a Organização Mundial de Saúde.

Ao invés de ser repudiada, a masculinidade tóxica foi premiada nas últimas eleições. A naturalização dos discursos de ódio contra nós mulheres segue sendo o principal responsável pela aceitação social e cultural da violência de gênero e da sua expressão mais grave: o feminicídio. Tais discursos não são inocentes. Eles se transformam em balas e hematomas.

Temos, portanto, a emergência de um discurso em si violento contra as mulheres, uma violência epidêmica que perpassa toda a sociedade e todos os âmbitos da vida das mulheres.

Estamos falando do acesso desigual ao emprego, dos menores salários, do maior tempo de dedicação ao trabalho doméstico, tudo isso agravado quando falamos de mulheres pobres e negras, do machismo institucional reproduzido no âmbito do Estado brasileiro.

Temos uma luta enorme pela frente em defesa dos nossos corpos, desejos e liberdades. Não há democracia possível com mulheres silenciadas e invisibilizadas, sem o reconhecimento de que existimos e somos sujeitos de direitos.

Deputada **Erika Kokay (DF)** é coordenadora do Núcleo de Mulheres da Bancada do PT



Foto: Gabriel Paiva

A luta pelas mulheres é hoje e sempre!

A comemoração do Dia Internacional da Mulher, em 8 de março, é de grande importância para a luta pela igualdade entre mulheres e homens, em especial nesse ano no Brasil. Depois de tantos avanços conquistados nos governos Lula e Dilma em relação às políticas de combate à violência doméstica e a atenção às mulheres, estamos assistindo a um retrocesso sem precedentes na nossa história.

Os ataques aos direitos se agravaram com Bolsonaro, um governo machista e misógino, que incentiva a violência, a intolerância e o preconceito. Numa sociedade estruturada no patriarcado, de submissão feminina, o peso disso é ainda maior. Lamentavelmente, todas as ações que garantiram a inclusão das mulheres no processo de desenvolvimento social, econômico, político e cultural

do País estão ficando para trás.

O neoliberalismo econômico e a retirada de direitos sociais e trabalhistas são uma das coisas mais graves nesse momento e que muito mais atinge as mulheres. Estamos assistindo à deterioração das condições de vida das trabalhadoras, donas de casa,



Foto: Lilia Marques

Deputada **Gleisi Hoffmann (PR)** é presidenta nacional do PT

agricultoras, negras. Da mesma forma, atos de sexismo, racismo, xenofobia, transfobia são cada vez mais frequentes.

É por isso que precisamos intensificar a nossa luta. As mulheres quando entram na briga, lutam pelo povo e são as principais defensoras das políticas sociais. E o PT sempre esteve ao lado das mulheres desde a sua fundação, na década de 80. A mobilização ocorrida no dia 8 deve ser permanente em defesa de todas essas políticas, para pedir respeito, direitos iguais e deixar bem claro que não aceitaremos retrocessos. Aí está a importância do movimento feminista, que deve ser hoje e sempre. Estaremos sempre nas ruas pelas mulheres, pela democracia e pelo Brasil! É somente na luta social que nós avançaremos. Nós, mulheres de luta, seguiremos firmes na resistência!

A luta das mulheres não pode ser invisibilizada!

Foto: Gustavo Bezerra

Lutar por mais representação feminina nos espaços de poder é uma condição para fortalecer a democracia, sobretudo diante da atual conjuntura de retrocesso, naturalização da violência, ataques de toda ordem e perda de direitos duramente conquistados.

O congresso precisa estar conectado com quem luta cotidianamente por sobrevivência, a partir da realidade histórica de seu povo e da compreensão da diversidade e pluralidade de ideias e corpos.

A luta das mulheres não pode ser invisibilizada! A história que nos contam e ensinam nos livros trazem homens como protagonistas e, eventualmente, tratam das mulheres. No entanto, é preciso reforçar que muitas mulheres construíram as trincheiras da resistência. Muitas foram violentadas e conviveram com prisões, torturas, perdas de filhos. Foram à luta armada e enfrentaram a ditadura na defesa da democracia, pela igualdade de gênero e justiça social.

Nesse sentido, a política precisa respeitar, garantir recursos, reservar vagas e avançar na legislação em defesa das mulheres. Já que somos 51,7 % da população e 52% do eleitorado, comprometer-se com a justiça democrática é asseverar a participação paritária das mulheres, em igualdade de condições, nos diversos espaços que já estamos inseridas, onde ainda não conseguimos ocupar e onde desejamos estar. Só nós podemos fa-



lar das dores que sentimos, das violências sofridas, dos prazeres e necessidades dos nossos corpos.

O confronto de ideias, a verdade e o respeito são fundamentais para o diálogo democrático. Essa luta deve ser suprapartidária e envolver toda a sociedade, mulheres e homens. Os homens podem e devem ser parceiros na eliminação da desigualdade e opressão de gênero, rompendo com essa masculinidade aprendida na infância, que não pode demonstrar fragilidade, sensibilidade e que reproduz muitas vezes a violência. Não desistiremos! Convidamos mulheres e homens a resistir e ir à luta. Vamos às ruas, ao confronto em busca de defender nossa democracia. Contra os golpes diários do atual governo, faremos um grande mês de março pela liberdade de ser, por mais mulheres na política e contra a epidemia do feminicídio, que mata uma mulher a cada 2 horas.

Deputada **Luizianne Lins (PT-CE)**

Representatividade e democracia nos espaços de poder

Para o Brasil, a democracia é fundamental. Para as mulheres brasileiras, é ainda mais. E por isso é que sempre denunciamos como um limite da democracia brasileira, o país ser o 152º colocado em mulheres no parlamento (UPI, 2018). Além disso, somos o país em que a única mulher eleita para a Presidência sofreu um golpe.

Neste contexto, o governo Bolsonaro destrói direitos e a vida das mulheres. A violência e o feminicídio são naturalizados e os retrocessos econômicos e sociais estão em curso. Em tempos assim, a força transformadora das mulheres em defesa da igualdade e da democracia é ainda mais importante.

Foi assim na defesa do voto feminino desde o século XIX e sua conquista, em 1932. Antes de o Brasil se tornar uma República, as mulheres negras lutaram contra a opressão escravista. A educação, o trabalho e a participação política, sempre foram causas de mobilização. A Constituição de 1988 carrega o conceito de igualdade construído pelas mulheres constituintes e por todas as que lutaram por um Brasil livre da ditadura.

Em 2016 concorreram 155.587 mulheres à vereança de todos os partidos. Porém, o número de eleitas é tímido, refletindo o peso da desigualdade de gênero no País. Em 2018 tivemos um crescimento de 51% de deputadas, alcançando 77, como resultado do rompimento de algumas barreiras. Mas muitas eleitas defendem pautas contra as mulheres.

É necessário um crescimento contínuo do número, mas também eleger mais mulheres que lutam contra as opressões de gênero, de classe e raciais.

Devemos enfrentar aqueles que impõem enormes retrocessos para a vida das mulheres e sociedade em geral. É inaceitável que queiram condenar as mulheres a papéis tradicionais, definidos por uma cultura patriarcal que separa as esferas, e nega a política como direito das mulheres.

O parlamento é lugar de luta feminista e resistência.

Em 2020, o PT terá candidaturas das mulheres em todo o Brasil para prefeituras e câmaras municipais. Nosso programa é feminista, antirracista e antidiscriminatório. As mulheres do PT são #ElasPorElas, protagonistas e unidas para construir um projeto de igualdade de gênero e socialista para o Brasil.

Deputada **Maria do Rosário (RS)** é Secretária Nacional de Formação do PT



Foto: Lúlia Marques

O Partido dos Trabalhadores é também o Partido das Trabalhadoras

Foto: Gustavo Bezerra



O Partido dos Trabalhadores é também o Partido das Trabalhadoras. Somos pioneiras em incluir obrigatoriamente mulheres nas direções partidárias – antes, cota de 30%; hoje, paridade plena. Fomos pioneiras em eleger mulheres prefeitas, inclusive de grandes cidades. Fomos pioneiras ao eleger uma mulher presidenta. E há três anos, o partido está sob a direção de uma mulher.

Nesse período, lutamos pela presença da mulher na política, e de modo amplo. Hoje, comemoramos a ampliação do número de deputadas na Câmara. Em 2018, 77 foram eleitas, contra 51 no período anterior. Mudança impactada pela destinação de 30% do Fundo Especial de Financiamento de Campanhas às candidaturas femininas. Uma conquista, em que pese a deletéria manipulação da medida para candidaturas laranjas (vide o exemplo do atual Ministro do Turismo).

O esforço por mais mulheres na política também é prioridade internamente. Com o Elas por Elas, o PT proporciona formação para potencializar nossas candidatas. O primeiro resultado disso viu-se já em 2018, com a eleição da maior bancada feminina, com 10 deputadas federais, outras tantas estaduais.

Tal empenho deverá render novos frutos em 2020. O PT quer e vai eleger prefeitas e vereadoras. Hoje, somente 12% dos municípios são administrados por prefeitas, apenas 13% dos vereadores são mulheres, mais de mil cidades brasileiras que não possuem nenhuma mulher na vereança. Uma realidade que precisa mudar. E que mudaremos.

Deputada **Margarida Salomão (PT-MG)**

Democracia, só existe se houver participação de tod@s!

Um imenso abismo separa a população brasileira da efetiva representatividade democrática. A diversidade social não está representada no Congresso Nacional, onde em sua maioria os parlamentares são homens e brancos, responsáveis por elaborar leis que não alcançam as diferentes necessidades de um país com dimensões continentais.

Ampliar numérica e qualitativamente a participação feminina nas instâncias políticas decisórias de nosso País é mais que um desafio, é uma obrigação de todos e todas que defendem a democracia.

A reboque de todas as dificuldades e obstáculos, a participação feminina vem se dando de várias formas, desde as organizações de mulheres da sociedade civil, da participação em sindicatos, partidos políticos e na, ainda tímida, ocupação de mandatos eletivos.

No entanto, esta participação, a depender do espaço de poder, acontece de forma mais ampla ou mais restrita. Boa parte dos partidos políticos continua aumentando o número de filiadas, porém com pouca inserção nas instâncias de decisão. Quando chega o período das eleições as dificuldades aumentam com a alegação de que a mulher não tem voto, entrando para compor a chapa apenas para “cumprir a cota”.

Em se tratando de governos e parlamento, estes são espaços privilegiados de discussão e decisão políticas, portanto indispensáveis para a representatividade das mulheres enquanto cidadãs.

A situação pode se agravar ainda mais quando observamos, no Parlamento, a defesa e o voto favorável a projetos de lei como os de número 1256/2019 e 4130/2019, que têm como intuito acabar com as cotas para mulheres. O primeiro foi derrotado, com muita luta da bancada feminina na Câmara dos Deputados, no final do ano passado. O segundo ainda está em tramitação e precisamos de toda força e união para não seja aprovado.

Os desafios são enormes, mas a nossa energia e disposição para vencer são ainda maiores!



Democracia e representatividade nos espaços de poder

Falar em representatividade nos espaços de poder é falar sobre oportunidade de ter voz nas tomadas de decisão e, principalmente, sobre defender ideias, interesses, direitos do grupo representado.

Portanto, eu acredito que a representatividade importa quando ela vem associada ao compromisso com a emancipação e com a transformação da sociedade. Ou seja, a luta por mais mulheres trabalhadoras, negras e negros, LGBTQs nos espaços de poder deve estar voltada para a superação da sociedade de classes, do machismo, do racismo e da lgbtfobia.

Neste ano de 2020, quando mais uma vez formos às urnas para as eleições municipais, essas questões precisam ser intensamente debatidas. O PT deve mobilizar sua base social para participar e disputar essas eleições, enfrentando o projeto de país do atual governo federal, que possui justamente como pilares o machismo e tudo quanto é forma de exploração, opressão e discriminação.

No enfrentamento ao bolsonarismo, a defesa da democracia e da representatividade é fundamental, e acredito que é defendendo a diversidade e os direitos da classe trabalhadora que poderemos fortalecer uma maioria popular para enfrentar a grande ameaça democrática que está em curso no nosso País.

Deputada Natália Bonavides (PT-RN)



Deputada Marília Arraes (PT-PE)

Foto: Gustavo Bezerra

Mais mulheres no poder para uma democracia de alta intensidade

A afirmação da condição igualitária entre homens e mulheres é um princípio fundante para aprofundar nossa democracia. A temática de gênero é, portanto, inerente ao próprio Estado Democrático de Direito que deve apropriar demandas e iniciativas da sociedade civil e implementar políticas públicas.

A criação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, em 1985, a promulgação da Constituição de 1988, a instituição da Secretaria de Políticas para Mulheres, em 2003, e a realização de conferências, demonstram como a busca pela igualdade de gênero conquistou espaços institucionais, nos quais ecoaram as reivindicações por melhores condições de trabalho, acesso à educação,

saúde, combate à violência de gênero e lutas por mais direitos.

Os espaços institucionais e a elaboração das políticas públicas devem ser entendidos pela ótica da luta e da organização coletiva das mulheres. Sabe-se bem o quanto pesa sobre os ombros femininos a ideia de que os espaços públicos serão sempre ocupados e regidos exclusivamente pelos homens. Nada foi concedido às mulheres, seus direitos e seus órgãos de representatividade foram vitórias obtidas em um contexto essencialmente patriarcal.

Para barrar retrocessos e lutar contra as mais variadas formas de opressão contra as mulheres é urgente que tenhamos nas eleições deste ano mais mulheres disputando o voto e sendo

eleitas. Desta forma, fortaleceremos amplamente a nossa democracia, marcada pela defesa da autonomia e das liberdades, com o aprofundamento da luta feminina por uma vida mais justa e mais digna.

Foto: Lula Marques



Deputada Professora Rosa Neide (PT-MT)

Mais mulheres na política, mais ideias para o Brasil

Foto: Lula Marques

As transformações sociais sempre foram marcadas por conflitos de interesse entre as forças que insistiram em manter o estado das coisas como está e as que, de forma ousada, propuseram mudanças e foram à luta. O voto feminino foi, portanto, a mais emblemática conquista das mulheres na política desde



1932, época em que se quis instituir um sistema de representação proporcional e de reconhecimento dos direitos políticos das mulheres.

De lá para cá, alguns avanços foram conquistados, mas o Brasil ainda assume uma posição de destaque entre os Países onde a representação política é predominantemente masculina. Não pela ausência de Leis, elas de fato existem, mas pela ineficiência da implementação das regras.

Desde a Constituição de 1988 a mulher tem, ou deveria ter, igualdade de direitos entre homens e mulheres. Mais tarde, em 1995, o Brasil aprovou a Lei que estabelece a cota de gênero destinan-

do 30% das vagas a candidaturas de mulheres nos partidos políticos.

O tempo passou, mas não houve uma mudança de hábito no processo político do Brasil. As mulheres continuam sendo sub-representadas, apesar de um crescimento bastante tímido.

Precisamos avançar mais. O nosso objetivo

é de conquistar 50% de vagas para mulheres. E, assim, garantir que esses 52% dos eleitores, que são mulheres, sejam representados. O Brasil hoje, na escala de proporção de representatividade, está atrás de Países onde mulheres usam burcas.

Nossa bancada feminina do PT no Congresso está firme numa mobilização que remonta esse passado de lutas e conquistas.

Mais Mulheres na Política representa, sem dúvida, mais ideias para o Brasil, mais saúde para as mulheres, mais dignidade no trabalho e mais oportunidades iguais.

Deputada Rejane Dias (PT-PI)

Quando mulheres petistas ocupam espaços, elas mexem na estrutura de poder

O ano de 2020 não completou três meses e os ataques às mulheres petistas que ocupam espaços políticos cresceram e se intensificaram vertiginosamente. Deputadas estaduais enfrentaram agressões verbais na tribuna paulista, deputadas federais enfrentaram ofensas no Congresso, a presidenta do PT e sua filha enfrentaram opositores ensandecidos, companheiras do PT enfrentaram a truculência da polícia de Lisboa, atravessando até as fronteiras nacionais.

Quando mulheres petistas ocupam espaços no parlamento, elas deslocam as forças conservadoras, mexem em toda a estrutura de poder, reviram a cultura machista histórica das casas legislativas e passam um recado importante à sociedade: de que seguiremos em marcha e em luta até que todas sejamos livres.

Essa contra ofensiva de homens brancos de direita em espaços de poder é a expressão da incapacidade, da inabilidade, da truculência e da violência do discurso machista -- que está a serviço de uma lógica ultralibe-



Foto: isa luchenberg

ral de retirada de direitos históricos da classe trabalhadora.

Essas atitudes violentas e generalizadas contra mulheres, legitimadas e incentivadas pelo governo Bolsonaro, buscam cercear e silenciar a participação das mulheres na vida pública, intimidando candidaturas femininas, criando um ambiente desfavorável à diversidade e à luta por justiça social.

A força das mulheres petistas e do campo progressista se torna referência para mulheres

que querem disputar a política, portanto suas atuações são estratégicas para a luta feminista.

Para enfrentar esse silenciamento das mulheres que ocupam espaços políticos, lançamos a campanha de 8 de março “Silenciadas Nunca Mais”, inspirada na luta combativa das nossas parlamentares nas trincheiras da luta por direitos sociais, por um mundo mais justo, humano e sustentável, dentro e fora do parlamento.

Seguimos reafirmando que política é lugar de mulher, legislativo é lugar de mulher, e todo lugar que elas estejam devem ser respeitadas.

Nós, da Secretaria Nacional de Mulheres do PT, temos nossas parlamentares como referências de luta e estaremos juntas, atentas e fortes e lutaremos contra todo tipo de violência machista e misógina.

Toda vez que uma mulher dá um passo, o mundo sai do lugar.

#SilenciadasNuncaMais
#MulheresContraBolsonaro

Anne Karolyne é secretária nacional de mulheres do PT

Foto: Divulgação

